

Aprendizado como uma experiência lúdica

Beach Party, Fanny Brennan

Reflexões anarquistas sobre o ensino criticam modelos que não seduzem para conhecimento; Einstein rejeita métodos de medo, força e autoridade artificial, que destroem a sinceridade e autoconfiança

ULISSES CAPOZOLI

A educação em uma escola capaz de formar cidadãos — em vez de investir em meros treinamentos — sempre esteve entre as preocupações dos pensadores anarquistas.

Talvez por isso eles foram capazes não só de levantar questões novas e ousadas mas também iniciar ações diretas para concretizar seus objetivos. Uma delas aconteceu no Brasil, no início do século. Em terras doadas pelo imperador Pedro II, libertários italianos construíram a colônia Cecília, a maior experiência anarquista em todo o mundo até então. Junto com o cultivo agrícola, o trabalho artesanal e outras atividades vitais à comunidade eles construíram escolas e teatros para a educação de crianças e adultos. Foram invadidos pelo exército, pressionados pelo então ministro Rui

Barbosa a “pagar impostos atrasados” e rechaçados principalmente por grandes proprietários de terras, temerosos de perder mão-de-obra barata. E essa é uma situação que ainda não mudou muito. Para os anarquistas, a educação não pode ser um trabalho alienante, uma tarefa vista como obrigatória, mas um processo lúdico, uma sedução para o conhecimento do mundo.

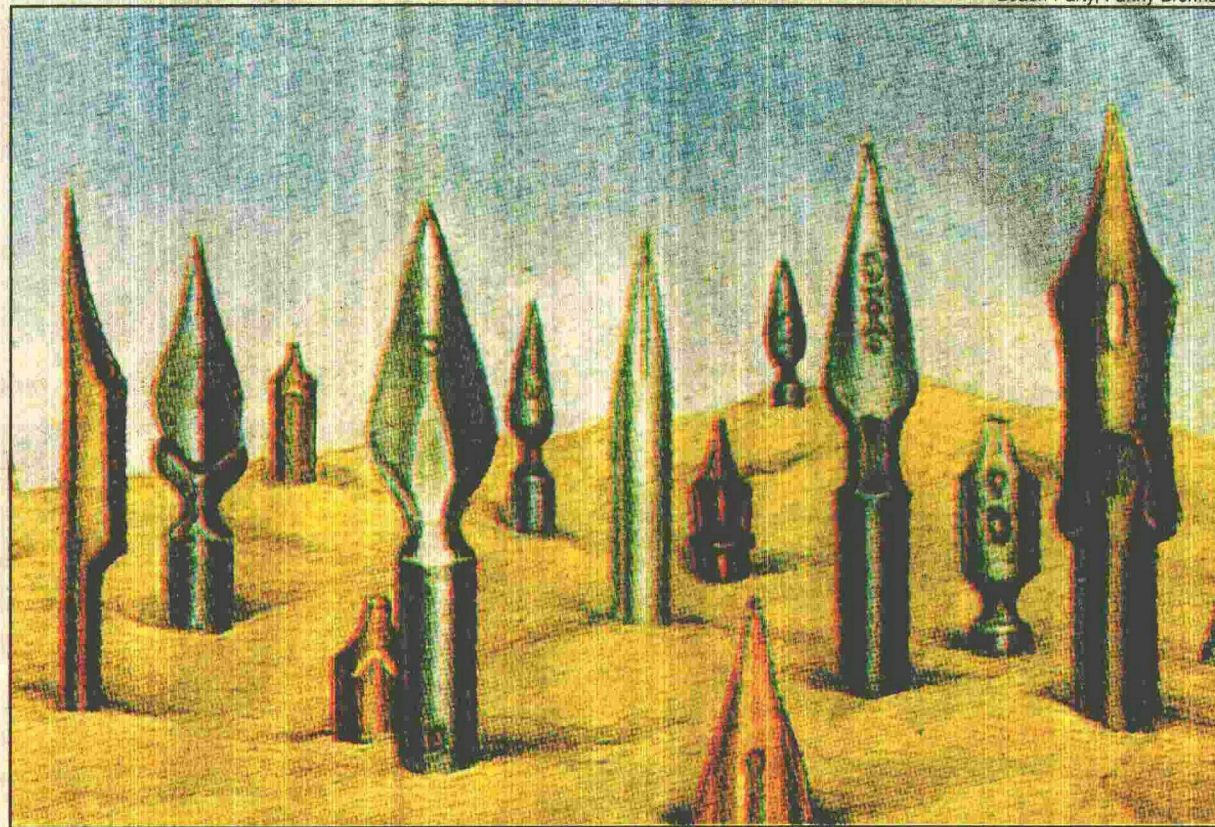
Anarquistas como Leon Tolstói, Paul Goodman, William Godwin e, mais recentemente, Herbert Read refletiram sobre a edu-

cação. Curiosamente sustentam posições muito semelhantes às defendidas pelo físico Albert Einstein. Einstein, que não foi um estudante conformista, diz em *Escritos da Maturidade* que a escola não pode trabalhar com “métodos de medo, força e autoridade artificial”. Esse tratamento, criticou ele, “destrói os sentimentos sadios, a sinceridade e autoconfiança do aluno, produzindo o sujeito submisso”.

William Godwin (1756-1836) escreveu — em 1797, para o jornal inglês *Inquirer* — um dos textos mais sedutores da litera-

tura anarquistas sobre educação. Em *Educação pela Vontade* — que não perdeu a atualidade 200 anos depois — ele diz que “o melhor método de ensino será (...) aquele que garanta que todos os conhecimentos adquiridos pelo aluno sejam precedidos e acompanhados pela vontade de adquiri-los”.

A melhor motivação para aprender, propõe Godwin, “é a percepção do valor da coisa aprendida e a pior (...) a coação e o medo”. Captando a essência da visão anarquista sobre educação — profundamente permeada pelo autodidatismo — Godwin recomenda que “nada pode ser adaptado com tanta felicidade, para remover as dificuldades do ensino, do que fazer com que o aluno seja primeiro levado a desejar o conhecimento e, depois, facilitar a sua tarefa, removendo os obstáculos do seu caminho



Paul Goodman: um espírito diferente deve animar a comunidade, sem preocupações com o status

tão logo ele julgue necessário”.

Estudar pela vontade de aprender, defende Godwin, “é uma atividade que, sem esta vontade, não passa de caricatura de uma atividade real”. Que na nossa “pressa e ansiedade para educar, não nos esqueçamos jamais os verdadeiros objetivos da educação”, recomenda Godwin.

Sete anos antes de escrever *Educação pela Vontade*, William Godwin produziu um texto ainda mais provocativo: *Os Males de um Ensino Nacional*, incluído em *Investigações Sobre a Justiça Política*. Nesse texto, sustenta que “aquele que aprende porque deseja fazê-lo ouvirá as instruções que recebe e aprenderá o seu significado”. O mesmo acontece com aquele que ensina “que cumprirá suas tarefas com entusiasmo e energia”. Mas “quando uma instituição política tomar a seu cargo

a tarefa de indicar o lugar que cada homem deve ocupar, todos passarão a desempenhar suas funções com indiferença e preguiça”, denuncia. Observador e futurista, William Godwin acusa que “há muito se observa que as universidades e os estabelecimentos dedicados ao ensino são notáveis pela sua apatia”.

Originário de uma família de políticos ingleses, William Godwin foi um pastor rural que se desencantou com a fé e, depois disso, tentou fundar uma escola. Sem sucesso, tornou-se escritor profissional e é o pai da escritora Mary Shelley, a criadora da ficção clássica *Frankstein*.

Paul Goodman (1911-1972), professor novaiorquino, perambulou por muitas regiões dos Estados Unidos e liderou estudantes nos conturbados anos 1960. Escreveu entre outras obras *Cres-*

cendo no Absurdo. Em *Alternativas para a Deseducação* — que integra a obra *Deseducação Compulsória*, de 1962 — Goodman dispara que “o sistema de educação obrigatório tornou-se uma armadilha universal que não traz nenhum benefício”. Com a irreverência e a linguagem poética típicas do anarquismo, ele considera que “uma educação decente tem como objetivo principal preparar uma pessoa para um futuro melhor, onde um espírito diferente anime a comunidade e onde seja possível criar novas ocupações que não sirvam apenas para obtenção de status e salário”.

Perscrutando o futuro, Goodman previne que “os perigos de um futuro altamente tecnológico e automatizado são bastante óbvios” e assim, considera, “é possível que nos tornemos uma sociedade submetida a uma lavagem

cerebral, integrada por um bando de consumidores ociosos e frívolas”. É possível ainda, diz, “que continuemos nesta corrida inútil e altamente competitiva, totalmente absorvidos por um trabalho incessante e sem sentido que terá como única consequência um aumento totalmente desnecessário do Produto Nacional Bruto.”

Para se contrapor a essas ameaças e criar “cidadãos ativos, competentes e cheios de iniciativa, capazes de gerar uma cultura e recreação dignas, precisamos de um tipo de ensino muito diferente deste que hoje temos”, provoca.

A educação, avalia Goodman “deve estimular a independência de pensamento e sua expressão e não o conformismo”. Se não for assim, ela deve ser mudada. E isto deve acontecer, prega Goodman, mesmo que seja preciso contrariar leis que — na avaliação de Tolstói em *A Violência das Leis* (*Escravidão de Nosso Tempo*- 1900) — “não são feitas para atender à vontade da maioria, mas o desejo dos que detêm o poder”.

Já o filósofo Herbert Read (1893-1968) considera que entre outras atitudes, um professor deve ser alguém que trabalhe com as crianças, compartilhando seus sentimentos, estimulando e “dando a elas uma riqueza que não tem preço: a confiança em si mesmas”.

Em *Os Últimos Intelectuais* — onde analisa a transferência da boemia para a Universidade e os reflexos do pensamento crítico na cultura e educação nos Estados Unidos — Russel Jacoby diz que certos pensadores, como é o caso de Goodman, “na medida em que são anarquistas, suspeitam das grandes instituições, do Estado, da Universidade e de seus servidores”. Mas, concede Jacoby, os anarquistas “são menos vulneráveis às tentações de títulos e salários, porque a resistência que fazem é moral, quase intuitiva”.